

PARA ALÉM DE UM JOVEM ARTISTA: A MATURIDADE DE EXPERIMENTOS POÉTICOS

Huguenin, José. **Experimentos Poéticos**. Belém: LiteraCidade, 2015. ISBN: 978-85-5552-015-0

GISELE WOLKOFF

Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: giselepoetry@yahoo.com.br

No romance do escritor irlandês James Joyce, *Um Retrato do Artista Quando Jovem*, publicado primeiramente na Irlanda em 1916 e em português brasileiro, em 1960, acompanhamos o amadurecimento do herói Stephen Dedalus em seu desejo de superar a repressão de sua imaginação (contida pelos valores da igreja católica de uma Irlanda repressora social) à liberdade imaginativa de um artista em pleno processo criativo que, na narrativa, traduz-se por técnicas como o fluxo de consciência. A estória de Dedalus também expõe o conflito de cada um de nós acerca de nossa condição humana: amor e ódio às origens, e ao mundo à nossa volta.

Em *Experimentos Poéticos*, o poeta-profeta José Augusto Huguenin incorpora a linguagem a sua percepção das realidades como única via de acesso ao eu, ao outro e ao mundo a sua volta. Sem receio de experimentar linguisticamente e, ao mesmo tempo, de expor quaisquer que sejam as chagas que constroem o seu lirismo, Huguenin nos comove com a lírica entremeada de materialidade, a partir dos seus experimentos, apontando-nos a relevância dos versos verbo-voco-visuais e dos espaços em branco que traduzem os espaços de silêncio do eu.

Estamos diante de uma coletânea de cinquenta e seis poemas sobre o tempo, a vida, o amor e a escrita. Se a vida ao longo do tempo nos convida a fugir (e a fuga é uma etapa inevitável ao poeta) é a própria fuga na linguagem (em poemas como “Refugiado”, “Fuga”, “Meu Quintal”) que nos reconduz à cartografia lírica do eu, como bem demonstra o poeta-profeta, que profetiza em poemas mesmo como “Profecia”, prenúncio lírico da tradução da realidade, atestando em tom igualmente profético (em “Fuga”)

“Quero fugir!
Encontrar a Pasárgada
De meus sonhos.
(...)
Preciso fugir!
Fugir do desejo de partir
(...)
Quero fugir!”

Assim, a fuga é um desejo que se concretiza no amor e na conjugação das materialidades: a sensorialidade, as mudanças do erotismo ao longo do

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, setembro de 2017.

tempo traduzidas e a conjugação daquilo que Charles Bernstein tem bem definido em sua poiesis: a materialidade da linguagem na forma de experimentos intensos como os que vemos na série de poemas que se inicia em “Escada para subir”, que tanto quanto “Escada Caracol”, “Navalha”, e outros poemas, brinca com o espectador/leitor, convidando-o a refletir sobre o espaço físico das letras na folha de papel, sobre os espaços que ocupam as palavras, ao não ocupá-los e sinaliza a potencialidade do discurso poético (e não só) a partir do leitor, reinventando o papel das tradições, inserindo-se nelas não apenas por remeter e aludir a escritores da tradição literária modernista brasileira (Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha) mas também e, sobretudo, por questionar as linearidades e mesmices do cânone que convoca. A série de poemas mais experimentais prossegue em “Mar, maré, amor”, “Universo”, “Gravidade”, “Calor”, “Densidade”, “Araucária” e parece finalizar em “Sussurros”. De maneira explícita, o poeta sugere como contraponto da brincadeira linguística a interface das Ciências e, mais uma vez, assistimos ao desvelar do *retrato do artista quando jovem-amadurecido*: o desnudamento do eu, o despreendimento das amarras cotidianas sob a forma das palavras e a crença nas mesmas – a exemplo do poema “Amarras”:

“Entra verso,
Sai verso,
Não consigo evitar
O retrocesso...” (p.41)

que é salvo por “Contrastes”:

“O silêncio transforma a sinfonia,
Retoca-lhe os tons,
Acentua a nostalgia,
Purifica-lhe os sons.”

O poeta aqui, seguindo uma tradição poética teoricamente apenas longínqua, que é a inglesa, profetiza sobre o papel da beleza e da poesia, assemelhando-se também ao que lemos da grande tradição portuguesa a partir de Sophia de Mello Breyner Andresen:

“O lago parado espelha o céu,
Captura o tempo,
Transforma-se em véu,
Eterniza a beleza do momento.” (p.40)

cujo senhor é “o tempo” (conforme lemos no convite à celebração em “Viva”, p. 46).

A maturidade do *jovem artista* constrói-se a partir das referências subliminares, como a que faz o poeta em “Brisa” (p.59) cuja rima e ritmo evocam o amor romântico cantado na poesia de William Wordsworth, um dos fundadores do Romantismo na Inglaterra do final do século XVIII. E, ainda,

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, setembro de 2017.

lemos “Passarinho” (p.49) como se William Blake lhe fosse uma influência direta (como nos poemas “The Robin”, “The Sick Rose”), assim como Oscar Wilde na sua fase ainda romântica, em contos como “The Nightingale and the Rose”, em que a aproximação do rouxinol, da rosa e do protagonista-antagonista ao quase mesmo plano transforma a concepção do amor em algo emocionalmente sofrido. No poema, o “passarinho” é personificado, ao receber o conselho do eu-lírico para fugir e não ser pego, o que lhe custaria os olhos, a vida...

“Lembra-te da canção majestosa,
O homem está pra chegar.”

Será o passarinho metáfora do poeta, diante das obrigações diárias que o afastam da criação, da arte da escrita...?

Na continuidade de uma leitura sobre as influências, também percebemos em *Experimentos Poéticos* a busca pela liberdade, “Amar é arder, sofrer, viver sem liberdade...” (p.14). E o eco Whitmaniano em poemas como “Vivenda” (p.19), como se relessemos nos versos huguenianos os do grande poeta da democracia americana, a exemplo do poema “Vivenda”

“Verei o horizonte
Sob a renda de tua fazenda.
Não sentirei frio
Ou reprimenda.
Estarei protegido
Na tua fazenda.” (p.19)

De se ressaltar, portanto, que apesar da brincadeira linguística e com a materialidade das palavras na página, o poeta também envereda ao lirismo, o qual beira o intimismo jovem do Romantismo. É este mesmo lirismo intenso que retoma a tradição modernista brasileira, desde a formulação de sonetos (como o “Soneto de busca e encontro”, “Soneto de Confissão”, pp.14, 15) passando pelo sonho Blakeano, em poemas como “Sonho” (p.20), aponta o horizonte possível no concretismo e no experimentalismo, a partir da sempre elaborada metalinguagem, como no poema “Poema concreto” e alcança as explícitas referências ao poeta Manuel Bandeira (nos poemas “Mar, maré, amor”, e “Não Mais”, que alude ao poema “Consoada” deste) ao escritor Guimarães Rosa (em “Seu Guimarães”) ao grande Carlos Drummond de Andrade (em “O pai de José” e “Meu quintal”, que se apresenta como uma transcrição do poema “Infância” deste último) ao amigo Gilberto Mendonça Teles (em “Ao poeta, com carinho”).

Ao citar, referenciar e aludir os poetas das diferentes tradições, sobretudo, da brasileira, José Augusto Huguenin se insere no Modernismo, vai além dele, ao propor estes *Experimentos* transdisciplinares – entre a Física e a Literatura – e conclui que a Poesia é uma musa maior que a prosa, capaz de nos desnudar ao mundo, traduzindo-nos, cartografando os múltiplos eus de que somos feitos:

“Neste verso de folha
Desesinha-se o espinho da vida
Que a um estranho
Abrimos como um livro velho
E um dedo de prosa.” (p.67)

Engana-se quem instaura como única estética huguenineana o lirismo experimental, ou o experimentalismo embuído de lírica. O poeta vai além, denuncia os males sociais, como o fizeram os seus modelos literários modernistas brasileiros. Assim, apesar do humor que lemos em poemas como “Cacau” (p.50) , “O tempo e o gato” e, inclusive, em “Ar e alimento”, deparamo-nos com a força de “Plantar – colher. Será?” :

“Lutar contra a escritura de cartório.
Viver em um campo de guerra.

...

Colher o fruto, matar a fome.
Saber que nem só de fruto vive o homem.

Voltar para casa humilhado, endividado.
Volver à terra, replantar a dor.” (p.12)

E avançamos em “Aço e alma” (p.13), um retrato do artista quando jovem bem amadurecido, um retrato social de Volta Redonda, dos tempos da repressão contra o povo que se expressa e contra a arte que traduz o povo.

Entretanto, teríamos um segundo engano se acreditássemos que o poeta se limita à geografia local e regional. Huguenin faz um poema sobre as “Línguas Hermanas” (pp.36, 37) e sobre o “Centro do Rio” (p.53) mostrando-nos a força do multiculturalismo e do avanço que será nos conscientizarmos das plurivozes das margens.

Por fim, podemos dizer que José Augusto Huguenin anuncia a importância da palavra, da escrita (“Viver,/ para escrever”. p.75) para a vida. E, assim, incita-nos a ler e reler os eus-de-nós, esquecidos no prosaísmo dos dias, para além dos regionalismos, embora se configure como um dos maiores poetas contemporâneos da região sul-fluminense. Autor de outros dois volumes poéticos e um acadêmico, Huguenin tem vindo a atuar em prol da vida cultural de Volta Redonda e região. Com **Experimentos Poéticos**, o autor se consolida como uma voz da margem, que dialoga com o centro e nele se vai inserindo, acentuando o caráter volátil das posições central e marginal das dinâmicas sócio-culturais.